

REPRESENTAÇÃO FOTOGRÁFICA DA VIDA URBANA

Photographic representation of urban life

Elisabeth da Fonseca Guimarães *

RESUMO: *Este artigo apresenta vivência extensionista realizada no período letivo de 1998/1999, com alunos do 2º ano do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFU, quando, ao lecionar a disciplina Sociologia da Cultura Urbana, fiz uso da fotografia como um instrumento de conhecimento, apreensão e análise do cotidiano da cidade. É intenção deste artigo socializar esta vivência, despertando a atenção de alunos e professores para maneiras alternativas de se analisar a vida em sociedade que pode ter resultados eficazes, interessantes e prazerosos para seus executores. Neste caso específico, a representação fotográfica da vida urbana foi uma delas.*

UNITERMOS: *Ensino de Sociologia; representação fotográfica; vida cotidiana; cultura urbana.*

ABSTRACT: *This article presents an experience was carried out in 1998 and 1999, with students of the second year of the Architecture and Urbanism undergraduate course at UFU. In this experience I used photography as an instrument of knowledge and analysis of the city's daily life. The article intends to transmit this experience and show students and professors new alternatives to study life in society, alternatives that may be pleasant and also produce good results, such as the use of photographic representation of daily life.*

KEY-WORDS: *Sociology teaching; photography; city's daily life; urban culture.*

INTRODUÇÃO

O trabalho extensionista que vou relatar nas linhas que se seguem faz uso da representação fotográfica como motivo condutor deste trabalho. Ele teve início em fevereiro

* Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas e Professora do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia.

de 1998, quando, ao voltar do doutorado, retomei minhas atividades docentes, ministrando aulas para alunos do 2º ano do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Uberlândia. Era proposta da disciplina fazer uma análise crítica do contexto urbano, despertando nos alunos o interesse em compreender a complexidade de situações e de experiências de vida contidas nas relações sociais do homem da cidade.

Trabalhei com essa perspectiva durante o período de 1998/1999. Ao final do ano letivo, depois de analisar os temas listados pelo programa, senti-me instigada a conferir maior concreticidade às discussões. Era minha intenção colocar em prática algum tipo de atividade que levasse os alunos a pensar sobre a proximidade das questões discutidas em sala de aula com a realidade que eles mesmos experimentavam. Como “produtos urbanos”, éramos todos, alunos e professora, personagens de um contexto multifacetado, a demandar uma infinidade de interpretações. Como fazer, então, para materializar esse envolvimento? A fotografia surgiu como possibilidade não apenas de registrar materialmente aquelas discussões, mas, principalmente, de fazer com que cada um dos instantes registrados carregasse consigo a “marca” do olhar que o registrou.

O ano de 1998 foi um ano de uma greve de longa duração, mais longa do que as greves habituais. O período letivo só terminou nos últimos dias de 1999. A idéia de fotografar o cenário urbano, de ultrapassar as fronteiras da sala de aula e adentrar por um mundo nada acadêmico foi apresentada aos alunos na última aula antes do recesso de Natal. Eles teriam os períodos natalino, de ano novo e das provas do vestibular, quando a Universidade suspende suas atividades, para dirigir seus olhares ao espaço urbano. O exercício do olhar é que seria o principal desafio do trabalho.

Os equipamentos utilizados seriam máquinas fotográficas comuns, dos próprios alunos, sem maiores recursos técnicos. Para mim, estava claro que, independentemente da qualidade artística de cada uma das fotos, a importância do trabalho estava na própria capacidade de cada um deles de exercitar o olhar para enxergar a cidade que está além dos muros da Universidade de um modo novo, com criticidade, buscando as peculiaridades do movimento urbano, impossíveis de serem evidenciadas em monumentos arquitetônicos.

Os recursos utilizados foram limitadíssimos. Uma mesma máquina e um mesmo filme chegaram a ser divididos por até 4 alunos, o que, a meu ver, não comprometeu a proposta de trabalho. O registro fotográfico, como não poderia deixar de ser, foi fruto de um esforço individual, ainda que muitos deles tivessem saído em pequenos grupos para fotografar.

A apresentação das fotografias, no retorno às aulas, ocorreu em clima de euforia. Cada aluno procurou ressaltar o que mais havia lhe interessado na cena registrada. Uma

“desorganização produtiva” tomou conta da sala. Eram imagens diversificadas espalhadas pelas carteiras: paisagens, momentos, cenas de ruas, transeuntes, construções históricas, pequenos anúncios, detalhes de situações e de personalidades do cotidiano. A surpresa, o contentamento, a indignação e a hilaridade foram alguns dos sentimentos socializados. A troca espontânea das fotografias entre os alunos foi marcada pelo relato de experiências exclusivas: exercícios dos olhares daqueles jovens para ver, descrever e refletir sobre a vida da cidade.

Passada a euforia da apresentação inicial das imagens, o próximo passo foi o da seleção das fotografias, o que não aconteceu livre de um ou de outro constrangimento, uma vez que todos os alunos acabaram opinando sobre, praticamente, todas as imagens registradas. Nem todas elas seriam merecedoras de elogios: ou pela própria precariedade das condições técnicas em que foram tiradas ou, até mesmo, pelo conteúdo registrado. Cada aluno pôde participar com até 4 fotos. Essa limitação a um número tão restrito por aluno se deveu à própria previsão para o total final. Foram 26 os alunos fotógrafos e, pelas próprias condições de montagem da exposição, não seria conveniente exceder a uma centena de unidades.

O olhar do outro tornou-se o principal crivo para a seleção. Para os “fotógrafos”, a minha sugestão como professora da disciplina foi que eles usassem o bom senso, uma vez que nem todas as revelações estavam em condições de serem expostas. Eles próprios sentiram a necessidade de fazer uma auto-avaliação do material apresentado, tarefa que não foi fácil, uma vez que isso acabou acontecendo em meio à observação dos colegas.

Esse processo de seleção, no meu entendimento, foi uma maneira eficaz de se desenvolver a capacidade de trabalho em grupo, pois, embora as fotografias tivessem sido tiradas individualmente, a escolha ocorreu a partir de um trabalho conjunto, exigindo de todos que dele participaram o exercício de sensibilidade do olhar diante da imagem fotografada. Foi também uma oportunidade para que os alunos, ao se posicionarem criticamente diante das cenas registradas, estendessem seu próprio campo de visão.

O exercício de fotografar, ao ser colocado em prática, trouxe a pluralidade de imagens contidas no cotidiano da cidade de Uberlândia. As fotos revelaram um caleidoscópio de possibilidades, expressas por uma diversidade incalculável de vivências. A variedade das tomadas registradas pelos alunos procurou dar o destaque para questões evidentes, como foi a fotografia de um homem executando a tarefa, habitualmente feita por animais, de puxar uma carreta; ao seu lado, uma carroça puxada por um cavalo. Homem e animal se confundem em funções semelhantes, atendendo a uma mesma necessidade, ou seja, a do transporte de cargas pela cidade. Outra cena instigadora foi a do “trabalho doméstico”, capaz de despertar

a atenção para a insignificância do valor da vida humana, arriscada displicentemente nas alturas de uma vidraça.

Outras questões, ainda que não tão evidentes, instigaram a curiosidade do olhar para o registro de tomadas temporariamente imóveis, como foi a de um automóvel antigo, estacionado. A imagem inspirou no fotógrafo a remissão a uma historicidade recente, doméstica, cotidiana, possível de ser resgatada em histórias de vidas, transportadas nos assentos de um carro em ruínas. O cadilac cor de rosa, desgastado pelo tempo de uso e pela longa trajetória já percorrida, remete ao testemunhar de uma variedade de situações, vivenciadas “Nesta longa estrada da vida”, como sugere o título escolhido. Uma sátira, e ao mesmo tempo um pesar, sintetizando nos versos de uma música sertaneja, os momentos que não voltam mais.

Cada uma das imagens da exposição foi selecionada com o propósito de despertar o observador para essa riqueza de análise, de lembranças, de vivências, de sentimentos, de teorizações, possíveis de serem apreendidas nas imagens que habitam a cidade.

A titulação dos conteúdos fotografados teve o propósito de fazer da identificação um prolongamento da própria imagem, ou seja, fazer com que o nome dado a cada uma das fotografias fosse ao mesmo tempo tão envolvente e tão contundente a ponto de deixar marcado ali, na margem inferior da cena registrada, a intenção do olhar do fotógrafo. O título deveria ir além da simples descrição do conteúdo. Seria preciso deixar evidente para os que vissem aquelas fotos o impacto causado pelo registro da imagem. Cada cena deveria guardar em si a pretensão de ir além do mero passeio do olhar para avançar em direção à necessidade de refletir sobre cada uma daquelas especificidades que marcam a vida da cidade. O nome ou expressão deveria revelar como cada um daqueles futuros arquitetos estava vendo não apenas a situação fotografada mas, também, e principalmente, o que o marcou, o que lhe prendeu a atenção, o impacto que a cena lhe causou, como ele se colocou frente à imagem fotografada.

O trabalho de nomeação das fotos foi, praticamente, feito em conjunto. Salvo um ou outro título que foi aceito sem que houvesse polêmica, a grande maioria deles foi fruto de sucessivas trocas, até ser definido. A diversidade das palavras e das expressões acompanhou a das imagens fotografadas. Alguns desses títulos eram politizados, em tom de denúncia, de indignação, dirigidas à desigualdade social, ao descaso com a vida humana, à falta de vontade política dos governantes; outros dirigidos ao próprio movimento que marca o cenário urbano e que envolve e consome as pessoas, num redemoinho de situações contrastantes, perigosas, inesperadas; outros reflexivos, consternados, saudosistas, reclamavam pela permanência de

um tempo que se esvai no ralo da globalidade; outros “engraçados”, de uma hilaridade específica, tenaz, contundente, capaz de provocar o riso e, ao mesmo tempo, remeter à complexidade das situações corriqueiras que envolvem o homem da cidade.

Independentemente da adequação ou não de cada um dos nomes ou expressões escolhidas, o exercício de seleção é que foi o maior ganho da titulação. As discussões durante a escolha, a troca de experiência entre os alunos e as inúmeras tentativas para acertar o alvo naquilo que se queria realmente priorizar em cada imagem, possibilitaram a reflexão sobre questões complexas, que ultrapassam as barreiras do espaço acadêmico, que se estendem à vida do homem urbano e que são indispensáveis à formação do futuro arquiteto.

A divulgação da exposição foi feita por meio de folderes idealizados e confeccionados pelos alunos. Mais uma vez, a capacidade de trabalhar em grupo foi posta à prova, uma vez que, desde o tipo de papel, tamanho das ampliações até o tipo das letras a serem utilizadas foram decididos pela classe. Ainda que um ou outro aluno se colocasse mais influente nas discussões, a escolha foi feita respeitando a voz da maioria. A confecção dos folderes seguiu o mesmo caminho. Algumas provas foram feitas até que pudéssemos ouvir o “de acordo” da turma. Prontos, os folderes foram divulgados pelos vários cursos e departamentos da Universidade. A montagem da exposição se deu com aqueles costumeiros contratempos, habituais aos bastidores de todo tipo de mostra organizada com recursos precários. As fotos foram expostas no hall de entrada da Biblioteca Campus Santa Mônica durante uma quinzena.

A montagem da exposição se deu em duas fases. A primeira aconteceu em sala de aula, quando as fotos escolhidas, já ampliadas em tamanho 20x25cm, foram centralizadas e coladas sobre papel color set preto, dividido ao meio, o que conferiu um efeito de moldura às imagens. Cada fotografia foi identificada com o título na margem inferior e o nome do autor na lateral direita.

A segunda fase da montagem aconteceu no próprio local da exposição. Por uma tarde permanecemos ali, na entrada da biblioteca, escolhendo o melhor grupo para cada uma das fotos, o melhor ângulo para se expor os painéis, a melhor maneira de enfileirá-los. A cada novo painel que ia sendo montado, era possível perceber nos olhos, no sorriso, nos gestos dos expositores a satisfação com o trabalho realizado. Já anoitecendo, a exposição ficou pronta. Alguns alunos relutaram em ir para casa. Ficaram ali pelo hall, olhando o movimento dos observadores que adentravam no ambiente, procurando decifrar a reação dos olhos de quem estava vendo o que eles viram quando registraram aquelas imagens.

Durante as duas semanas em que as fotos ficaram expostas, as idas à biblioteca por parte dos próprios expositores se revezou aleatoriamente. Sem que fosse preciso algum tipo de solicitação de minha parte, eles mesmos se encarregaram de executar os ajustes nos painéis para que as fotografias se mantivessem em bom estado.

O resultado maior da exposição, no meu entender, esteve caracterizado por duas questões básicas e complementares: na sua própria elaboração, ou seja, nos passos que foram trilhados desde a idéia inicial de executá-la até a sua concretização. E na possibilidade efetivada do aluno romper os limites epistêmicos dos textos discutidos em classe para estender seu olhar em direção à experiência real, vivida pelo homem no espaço urbano.

O trabalho crítico de registro e escolha das imagens, seleção das fotos, criação dos títulos e preparação da exposição teve importância fundamental como procedimento pedagógico, capaz de desenvolver nos alunos a capacidade de propor idéias e soluções, de discutir alternativas, enfim, de executar um projeto em conjunto com seus pares. Isso, no entanto, só pode ser realizado com sucesso quando existe uma motivação concreta, que lhe dê sustentação. No caso desses alunos do 2º ano do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Uberlândia, essa consistência foi dada pelo próprio conteúdo das unidades desenvolvidas, o que possibilitou que eles ultrapassassem as barreiras do senso-comum e avançassem em direção a uma avaliação mais consistente e criteriosa da vida urbana, calcada em análise e crítica de questões dirigidas especificamente a essa temática. Ao fotografar o cotidiano da cidade, na prática, eles estavam materializando em imagens uma série de discussões que já haviam sido feitas durante aquele ano letivo.

Ao final da exposição, um dos alunos, por sua própria iniciativa, sugeriu uma nova montagem das fotografias ao proprietário de uma casa noturna, freqüentada por universitários, intelectuais e artistas da cidade. Esta nova oportunidade veio conferir, de modo ainda mais evidente, o caráter extensionista do trabalho, ao exhibir as imagens para além dos muros da Universidade. Nesta nova versão, as fotografias puderam ser vistas durante o período de um mês pelos freqüentadores da casa.

A publicação desta vivência não tem a intenção apenas de socializar com outros profissionais da educação uma prática de ensino que, para mim, foi muito prazerosa e que se refere diretamente ao uso da fotografia como uma técnica complementar de conhecimento. A atenção que chamo para esta experiência de trabalho está, também, localizada na possibilidade de estender a análise sociológica da realidade concreta, vivida, experimentada. Disciplinas teóricas, como é o caso da Sociologia, desenvolvidas nos limites da sala de

aula, podem estender suas discussões às outras esferas da realidade social, evidenciando a relevância e a concreticidade temática das questões. A minha sugestão para o professor que se dedica a conteúdos dessa natureza é a de temperar sua experiência docente acumulada com uma pitada de criatividade, o que certamente tornará a prática do ensino mais interessante, eficiente, prazerosa e de qualidade.



Luciano Pena

Foto 1: Pobres Leões
Palácio dos Leões, Pça. Clarimundo Carneiro, Uberlândia - 1999



Leonardo Finotti

Foto 2: Janela do Amanhã
Aldeia Pataxó, Cumuruxatiba, BA - 1999



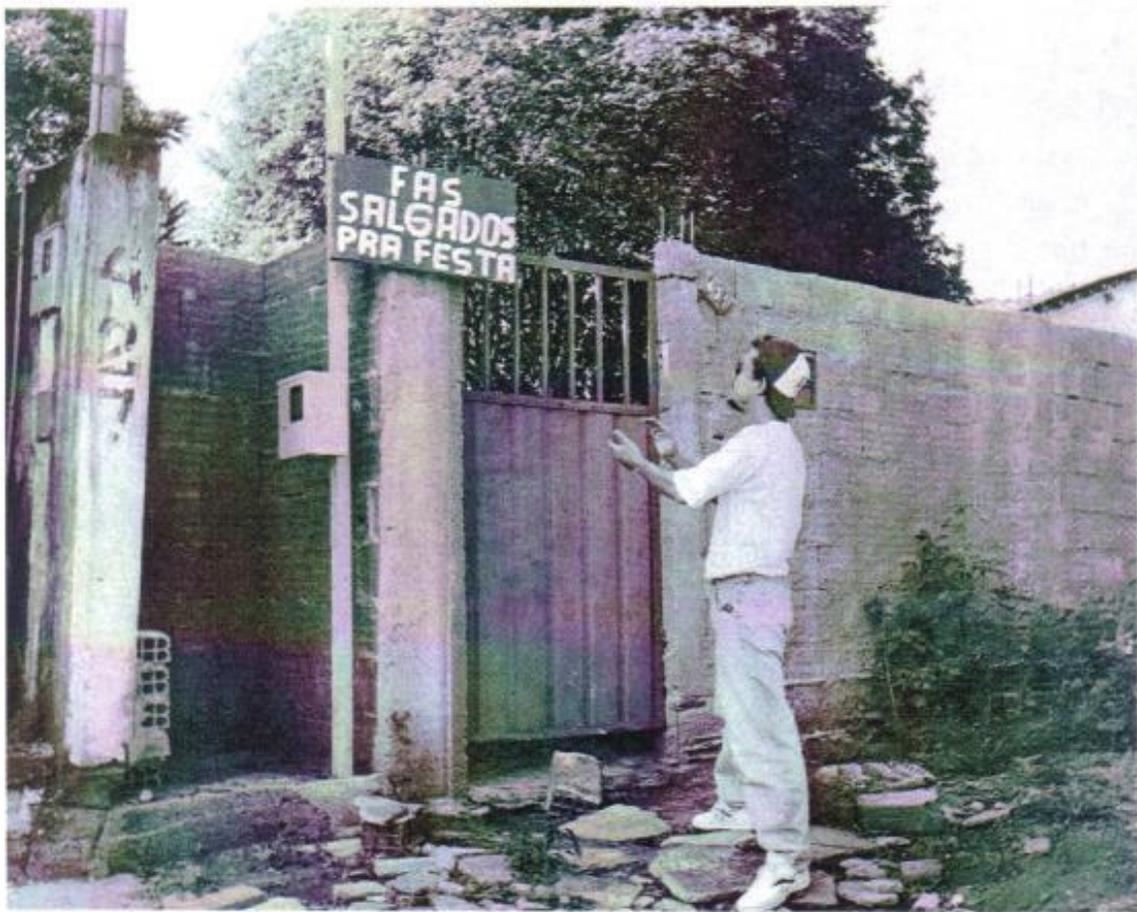
Adriane Silvério Neto

Foto 3: Mundo animal
Centro, Uberlândia - 1999



Andréa Cunha dos Reis

Foto 4: Algodão doce
Centro, Uberlândia - 1999



Ricardo Campos

Foto 5: "Déis real o qilo"
Bairro Tibery, Uberlândia - 1999